

Entre palavras e imagens: a linguagem rosiana recontada no livro-ilustrado *Sagatrissuinorana*

Gislene Ferreira da Silva*¹

Resumo

Nesse estudo destacamos o reconto como estratégia de letramento literário a partir da leitura de *Sagatrissuinorana* (2020). Escrita por João Luiz Guimarães e ilustrada por Nelson Cruz, a obra recria o estilo literário do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967) e atualiza o conto clássico, *Os três porquinhos* (2004) no diálogo entre texto e imagem. Assim, nessa leitura consideramos as perspectivas teóricas de Cosson (2016) sobre letramento literário e de Hunt (2010), sobre o livro-ilustrado. Ao descrever como a confluência entre a linguagem rosiana e as aquarelas contribuem para o letramento literário, compreendemos a importância do reconto na formação de leitores.

Palavras-chave: linguagem rosiana; letramento literário; livro-ilustrado; reconto.

* Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professora de Literatura Brasileira e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8805-5047>

Between words and images: Guimarães Rosa's language retold in the picture book *Sagatrissuinorana*

Abstract

This study examines the impact of retelling as a strategy for literary literacy, focusing on the award-winning book *Sagatrissuinorana* (2020), which received the 2021 Jabuti Prize for Children's Book and Book of the Year. The book, also recognized with several other honors, updates the classic narrative *The Three Little Pigs* for 21st-century readers. Written by João Luiz Guimarães and illustrated by Nelson Cruz, the work employs the literary style of João Guimarães Rosa to retell the fairy tale, creating a dialogue between text and image. The analysis incorporates theoretical contributions from Rildo Cosson (2016) on literary literacy and Peter Hunt's (2010) perspective on the picture book. By investigating how the Rosian language and Nelson Cruz's watercolor illustrations contribute to the recontextualization of the classic tale, this study highlights the importance of retelling in shaping literary readers.

Keywords: Guimarães Rosa's language; literary literacy; picture book; retelling;

Considerações iniciais

Às vezes, o homem pode ser o lobo do lobo.

João Luiz Guimarães e Nelson Cruz

Os sentimentos de perplexidade e impotência diante da destruição causada por um desastre ambiental são representados de forma impactante no livro *Sagatrissuitorana*. Vencedor do prêmio Livro Infantil e Livro do Ano, em 2021, na 63ª edição do Prêmio Jabuti, a obra também recebeu, entre outras honrarias, o Selo Distinção Cátedra Unesco de Leitura – PUC Rio (2020), o Prêmio Melhor Livro para crianças Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ, 2021) e integra a Biblioteca Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU, 2021)¹.

Sagatrissuitorana retoma o conto *Os três porquinhos* (2004) que conta as desventuras de três porcos que constroem casas de diferentes materiais e enfrentam um lobo que deseja destruir tudo e comer os famigerados suínos. Na narrativa do escritor, jornalista e roteirista carioca João Luiz Guimarães e do artista plástico e ilustrador Nelson Cruz, texto e imagem se entrecruzam para atualizar o clássico conto de fadas.

Assim, entre palavras e imagens, *Sagatrissuitorana* exhibe título e subtítulo intrigantes. Entre chaves, a expressão “reconto {à moda rosiana}” presente na capa, sugeriu-nos o estudo da obra na perspectiva do letramento literário (Cosson, 2016) que compreende o reconto como um registro da atividade de leitura literária. Durante essa pesquisa chamou-nos a atenção o fato de que o livro premiado adaptou o clássico infantil para os leitores do século XXI a partir da provocação realizada durante uma oficina de escrita realizada por João Luiz Guimarães em São Paulo. Em seguida, as ilustrações de Nelson Cruz vieram compor a obra.

Nesse contexto, o interesse pelo livro cresceu, instigando reflexões sobre o reconto como uma das estratégias do letramento literário (Cosson, 2016). Assim, nessa leitura consideramos as perspectivas teóricas de Cosson (2016),(2021)) sobre letramento literário e de Hunt (2010), sobre o livro-ilustrado. Ao descrever como a confluência entre a linguagem rosiana e as aquarelas contribuem para o letramento literário, compreendemos a

¹ Informação sobre os prêmios disponível em: <https://www.ozeeditora.com/sagatrissuitorana>. Acesso em: 15 jun.2024.

importância do reconto como estratégia privilegiada nessa abordagem. Assim, buscamos destacar, brevemente, a presença da linguagem rosiana utilizada na reescrita do clássico conto de fadas que, em diálogo com as aquarelas de Nelson Cruz, fazem de *Sagatrissuinorana* um livro-ilustrado (Hunt, 2010).

O reconto: registro da prática no Letramento Literário

Sagatrissuinorana é um exemplo de recriação de caráter estético. O texto da narrativa surge em um exercício de sala de aula realizado pelo autor João Luiz Guimarães em um curso de pós-graduação em Formação de Escritores realizado no Instituto Vera Cruz em 2020. Em diversas entrevistas, *lives* no *youtube* e encontros literários, o autor relata que a proposta de recriar uma história clássica foi a atividade final da disciplina Oficina de Literatura Infantil e Juvenil. Essa informação atesta a reescrita como uma estratégia de registro da leitura literária em sala de aula que promove o letramento literário e a formação de leitores, independente do nível de ensino.

Em Paradigmas do ensino da literatura, Cosson (2021) mostra que essa abordagem entende a leitura literária como um processo de “apropriação da literatura como construção literária de sentidos” (Cosson, 2021, p. 172). Na prática pedagógica, o letramento enfatiza não apenas a habilidade de decodificação, mas também a prática social e cultural que envolve o desenvolvimento da competência literária. Cosson (2021) também destaca a importância de proporcionar aos alunos experiências com diferentes gêneros e formas literárias:

A literatura é uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós mesmos e o mundo em que vivemos. (Cosson, 2021, p. 177)

A atividade de reescrita convida à (re)construção de narrativas a partir de sua própria compreensão e interpretação, recriando o texto literário de acordo com as vivências e repertórios do leitor. Desenvolvendo

as habilidades de expressão oral e escrita e estimulando o debate crítico sobre os elementos narrativos e estilísticos que compõem as obras, a ação de recontar favorece a apropriação da linguagem que caracteriza os gêneros literários.

Nesse contexto, o reconto é uma atividade participativa que representa a culminância em uma sequência didática do letramento literário que envolve quatro passos: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. Assim, o reconto é uma das formas de registro do trabalho, momento da interpretação da obra e externalização da leitura, etapa importante da aprendizagem na qual o aluno pode estabelecer um diálogo entre leitores e comunidade escolar (Cosson, 2016, p. 68). Sendo o registro da prática, os alunos são incentivados a compartilhar sua interpretação da obra literária, reorganizando suas percepções pessoais e apropriando-se do texto em estudo. Assim, o leitor em formação se apropria das obras, recriando seus elementos estruturantes de maneira significativa, o que favorece a construção de uma relação pessoal com a literatura.

Tal qual observamos na forma narrativa de *Sagatrissuinorana*, o reconto é uma estratégia que tem se mostrado eficaz na promoção do letramento literário e na formação de leitores. Cosson (2012) sugere uma oficina de leitura literária chamada “Contos de fadas modernos” na qual explica a atividade:

O professor pede aos alunos que relembrem as histórias de fadas que conheçam e [...] entrega para cada grupo um ou dois bilhetes como nomes de objetos modernos para serem incorporados à história. Ao final, faz-se uma roda de leitura das histórias. É uma ótima atividade para introduzir a leitura de narrativas que reescrevem outras narrativas ou partem delas para gerar nova história, conto de fadas ou não. (Cosson, 2012, p. 124-125)

Essa estratégia tem como característica principal a inserção de elementos que atualizam a narrativa, criando um espaço de diálogo e interação em torno do texto. Ao atualizar a narrativa com aspectos da realidade e vivência dos alunos, eles tornam-se coautores de novas versões das histórias. Esse movimento amplia a relação do leitor com as obras e fortalece a identidade como produtores de sentido. Relendo e recontando as narrativas ele pode registrar suas impressões, interpretações e o contexto

em que a reescrita se desenvolve. A esse respeito, Tereza Colomer (2003) destaca a leitura literária como acumulação de repertório:

O que o leitor traz para o texto é tão importante quanto a contribuição inversa, no sentido em que ele se acomoda à leitura através da mescla de suas experiências literárias e vitais até o momento. Seu próprio conhecimento das analogias que o texto estabelece com o mundo primário e das relações entre o texto e as outras manifestações do mundo da ficção, o levam a estabelecer seu significado próprio e único. (Colomer, 2003, p. 133)

Sagatrisuinorana retoma uma prática que atualiza o texto literário, tornando-o um espaço de interação e construção de significados entre o autor, o leitor e a obra. O reconto como gênero institui-se como estética singular, um novo espaço de interação. Ao dedicar o livro “à memória das vítimas das tragédias de Mariana (05/11/2015) e Brumadinho (25/01/2019), Minas Gerais, Brasil”, fica marcada a data do desastre ambiental e relembra a destruição ocorrida em Minas Gerais, homenageando todos que foram afetados, tal como os “os três porquinhos que porcavam” (Guimarães, 2020), vivendo suas vidas à espreita de um desastre sem precedentes na região.

A devastação ocorrida nas cidades mineiras às margens do Rio Doce foi provocada pelo desmoronamento das barragens do Fundão, em Bento Rodrigues, subdistrito da cidade de Mariana, e da Mina Córrego do Feijão, próxima ao município de Brumadinho, na região central do estado. O colapso das estruturas de exploração dessas duas jazidas de minério de ferro afetou diretamente outros 26 municípios e deixou em seu caminho um rastro de destruição com lama e luto, totalizando 291 mortes. A lama tóxica dos rejeitos destruiu tudo o que encontrou pela frente, causando danos irreparáveis ao rio Doce e seus afluentes, matando os peixes e outros animais da região, contaminando o solo e devastando a vegetação. Essa destruição é representada no reconto, pois os três porquinhos, o lobo mau, as casas e seu entorno, tudo é destruído, numa forte metáfora da realidade criminosa instaurada pela mineração.

Na apresentação dos autores do livro, as palavras do ilustrador Nelson Cruz traduzem a inquietação com a catástrofe: “mas como escapar do lobo-ambiçã, do lobo-usura, do lobo-riqueza, ou seja, como escapar da ganância do lobo-homem?” (Cruz *apud* Guimarães, 2020). Esse fato

empírico que perpassa a obra é inserido como o elemento novo da reescrita literária. Integrando leitura, a escrita, a análise e a apreciação estética em uma única atividade, a proposta faz com que o leitor reflita sobre a literatura, o meio ambiente e sua participação na sociedade.

O trabalho com a obra mostra que o registro de uma atividade de sala de aula pode despertar o interesse, a imaginação e o senso crítico em relação à realidade juntamente à imaginação propiciada pela metalinguagem instaurada pelo reconto. Isso se dá pela composição estética que dialoga com a influência de Guimarães Rosa ao mesmo tempo em que aponta para o fato empírico na dedicatória, evocado tanto na narrativa de João Guimarães quanto nas aquarelas de Nelson Cruz.

O reconto: {à moda rosiana}

Na história recontada da tradição oral inglesa, três porquinhos constroem casas de diferentes materiais na floresta para escapar do sopro destruidor do lobo. O primeiro faz a casa de palha, o segundo porquinho ergue uma casa de madeira e o terceiro porquinho edifica uma casa de tijolos. Quando o lobo encontra os dois primeiros e começa a destruir as casas, eles correm para a casa de tijolos que abrigará os três porquinhos e que resistirá à fúria do sopro do lobo. Em algumas versões da tradição oral, ao tentar derrubar a casa de tijolos onde estão reunidos os porquinhos, o lobo sobe na chaminé e queima sua cauda; em outra versão, cai na panela de sopa fervente.

A primeira publicação de *Os três porquinhos* aconteceu em 1890, pelo escritor australiano Joseph Jacobs, tornado-se popular na forma que o conhecemos hoje, a partir da publicação de *English Fairy Tales*. A história tem diversas versões cinematográficas e literárias, entre as quais podemos citar desde o desenho animado da Disney, de 1933, até versões contemporâneas que privilegiam a perspectiva do lobo como *A verdadeira história dos três porquinhos* (1991), do escritor estadunidense Jon Scieszka.

Em suas várias versões, as narrativas infantis encantam leitores de todas as idades e, por seu poder metafórico e simbólico, tem ampla circulação na aula de literatura, especialmente na educação básica. A literatura infantil

está profundamente associada à pedagogia, uma vez que as narrativas eram frequentemente concebidas para servir como instrumentos escolar. Sobre esse aspecto, Nelly Novaes Coelho (2000) observa que:

Expurgadas as dificuldades de linguagem; as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil, retiradas as situações ou os conflitos não-exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventureira ou exemplar...as obras literárias eram reduzidas em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo: atrair o pequeno leitor/ouvinte e leva-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar no campo do real ou do maravilhoso. (Coelho, 2000, p. 30)

Sagatrisuinorana mantém as características narrativas, estruturais e temáticas do conto de fadas que inspirou a escrita literária e conduz à reflexão sobre a natureza dos clássicos descrita por Ítalo Calvino (1998): “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.” (Calvino, 1998, p.12). Dessa perspectiva, os contos de fadas são narrativas que, ao serem recontadas e reinterpretadas, mantêm a relevância e importância, confirmando sua condição de clássicos no cânone da literatura mundial. Eles são referenciados, adaptados e integrados em outras formas de arte e mídia, tornando-se parte do repertório cultural compartilhado. Essa presença constante na cultura reforça a ideia de Calvino de que os clássicos são aqueles livros que nunca acabam de dizer o que têm a dizer.

Sagatrisuinorana tem inspiração no clássico conto de fadas infantil e possui elementos fantásticos como animais falantes que constroem casas e enfrentam um lobo. Animais antropomorfizados também são frequentes como protagonistas, que atuam para transmitir lições morais e ensinamentos éticos. Em uma situação humana exemplar, as personagens são lidas como um símbolo e, nesse sentido, as figuras do lobo e dos porquinhos assumem diversas significações em cada (re)leitura realizada através dos tempos.

O simbolismo dos animais presentes nos contos de fadas pode ser subvertido ou reinterpretado em diferentes contextos culturais e literários. Coelho (2000) afirma que a presença de personagens como o lobo assustador juntamente com uma ambientação fantástica são características marcantes dos contos de fada, ressaltando que o lobo pode ser retratado

de forma mais complexa, como um anti-herói ou, até mesmo, como um símbolo de resistência e independência. Nessas histórias, o lobo desafia as normas sociais e as expectativas convencionais, representando tanto a personificação do mal, quanto a natureza selvagem e indomável que transcende as convenções humanas.

No conto de fadas clássico há uma lição moral sobre a importância do trabalho árduo e da preparação para a vida adulta, ainda que de forma implícita. Em *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1978), Bruno Bettelheim argumenta que os contos de fadas desempenham um papel crucial no desenvolvimento psicológico das crianças, ajudando-as a lidar com medos e ansiedades. A história dos três porquinhos pode ser vista como um exemplo disso, com o lobo representando um medo primitivo e as casas simbolizando a segurança e a proteção. Nesse caso, Bettelheim (1978) ressalta que a narrativa

ensina à criança pequenina, da forma mais deliciosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer. Um planejamento e previsão inteligentes combinados a um trabalho árduo nos fará vitoriosos até mesmo sobre nosso inimigo mais feroz - o lobo! A estória também mostra as vantagens de crescer, dado que o terceiro e mais sábio dos porquinhos é normalmente retratado como o maior e o mais velho. (Bettelheim, 1978, p. 45)

É interessante notar que a estrutura da narrativa original é mantida em *Sagatrissuinorana* com seus três atos repetitivos (três casas construídas, três ataques do lobo). Vladimir Propp identifica a repetição e a triplicidade como elementos fundamentais na construção dos contos de fadas (Propp, 2010, p. 71). Em *Morfologia do Conto Maravilhoso* (2010), ele analisa a estrutura dos contos de fadas russos, identificando funções narrativas comuns. A estrutura de *Os Três Porquinhos* se alinha com várias dessas funções, como a presença de um “antagonista que causa dano ou prejuízo à vítima” (Propp, 2010, p. 32), na figura do lobo que destrói as casas dos porquinhos sofrendo a “perseguição do herói” (Propp, 2010, p. 54).

Se por um lado notamos a apropriação da estrutura dos contos de fada tradicionais, por outro, os ritmos e significados do texto são reinventados ao estilo literário de João Guimarães Rosa (1908-1967) com

a inventividade e densidade poética características do escritor mineiro. As marcas do autor de *Grande Sertão: Veredas* (2017) evidenciam o impacto de seu estilo na narrativa de João Luiz Guimarães, que se apropria do universo rosiano, vivificando sua obra. As possibilidades criativas da língua são exploradas e revelam novos modos de expressão que transcendem as convenções linguísticas tradicionais, ampliando o horizonte comunicativo.

Em sua obra, João Guimarães Rosa refere-se aos aspectos menos evidentes ou escondidos dos signos linguísticos, aqueles significados ou conotações que não são imediatamente percebidos ou que estão subentendidos. Ao fazer isso, o escritor mineiro elimina significados e associações desgastados pelo uso frequente, buscando as capacidades inexploradas da linguagem, revelando os aspectos ocultos dos signos linguísticos. Ao explorar essa “face oculta do signo” (Coutinho, 1998, p. 82), Guimarães Rosa revela camadas de significado que poderiam permanecer obscuras ou ignoradas, enriquecendo a leitura e a interpretação de sua obra. Nas palavras de Eduardo Coutinho (1998),

o processo de revitalização da linguagem empreendido por Guimarães Rosa, uma das linhas mestras de sua empresa artística, baseia-se fundamentalmente na utilização do recurso do estranhamento (a *ostranenie*, dos formalistas russos), com a conseqüente eliminação de toda conotação desgastada pelo uso e na exploração das potencialidades da linguagem, da face oculta do signo.” (Coutinho, 1998, p. 82)

Assim, as “potencialidades da linguagem” a que o estudioso faz referência podem ser percebidas já no trava-língua presente no título, que exhibe o hibridismo formado pela junção da palavra “saga”, radical de origem islandesa que significa “história contada”, “lenda”, “conto heróico”, e o sufixo “-rana”, palavra de origem tupi que significa “que exprime semelhança”. A construção repete-se, agora com o acréscimo do prefixo “tri”, relativo ao número três e “suíno”, sinônimo da palavra “porco”. Os “trissuíno” são, assim, os três porquinhos do conto clássico da literatura infantil, numa construção que faz uma homenagem a *Sagarana* (2017), primeiro livro de Guimarães Rosa. Ao retomar palavras inventadas ou transformadas pelo escritor mineiro, *Sagatrissuínorana* atualiza nuances específicas de sentido ou som, enriquecendo a narrativa com criatividade.

Na narrativa de João Luiz Guimarães, observamos a criação de palavras como “porcavam”, “carreirou-se”, “porcando-se” e “delobodeporcodecasadetudo”, assimilando os neologismos e invenções lexicais que marcam o estilo do escritor mineiro. Já a palavra “esgueira” -sair às escondidas, livrar-se de algo - é tomada de empréstimo direto da obra de João Guimarães Rosa, do conto “Sanga Pytã”, de *Ave, Palavra* (2017), sendo retomada em *Sagatrissuinorana* no trecho: “Chispou sem esgueira ouvindo só o de dentro...”. Em outras passagens do reconto notamos o poder de concisão do vocabulário rosiano, como no enigmático: “E quem haverá de? — se antes.” (Guimarães, 2020). A sintaxe inovadora ganha destaque nas construções frasais, misturando ou subvertendo as convenções da gramática normativa, algo comum na prosa rosiana. No trecho “Quando, de pronto e sem aviso, do Orelhudo o sopro nefasto separou as vigas de bambu” observamos essa liberdade sintática que Moraes (2003) aponta como característica da escrita de Guimarães Rosa, e se revela como “produto de um amálgama de material lido, ouvido, experimentado, imaginado, que resulta numa invenção representada por uma linguagem trabalhada para dar conta dessas misturas” (Moraes, 2003, p. 95).

A presença de elementos do sertão das Minas Gerais delimita um espaço geográfico no qual se destaca a “fibra do buriti”, as “folhas de embaúba” — de uso comum em chás e em peças de artesanato — e os “espinhos de mandacaru” das cercas de proteção. Os regionalismos podem ser observados no uso de topônimos como “Vereda de Matozinhos”, que se refere aos caminhos no sertão e o “Liso do Sussuarão”, que evoca a travessia do personagem Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* (2017). Outras expressões como “palha nova de arrimo” e “taquara verde” refletem a ambientação regional do (grande) sertão mineiro, um elemento central na obra de Guimarães Rosa. Esses termos trazem autenticidade e especificidade cultural ao reconto.

A exploração de temas universais e existenciais na narrativa vai além do conto clássico e discute questões como a luta entre o bem e o mal, a resistência e a sobrevivência. O trecho “Por que o diabo não há. Existe ruindade humana.” (Guimarães, 2020) presente no reconto, reflete a contemplação filosófica sobre a natureza do mal, uma preocupação recorrente na obra de João Guimarães Rosa. A travessia — tanto física quanto metafórica — é um tema central e representa a jornada do ser humano em

busca de sentido e redenção. A ideia de “Travessia” e a menção ao “defunto adiado” em *Sagatrisuínorana*, evocam o misticismo e o existencialismo presentes no *Grande Sertão: Veredas* (Rosa, 2017).

A estrutura narrativa fragmentada e elíptica sugere uma leitura ativa e interpretativa. Assim como em narrativas de Guimarães Rosa, que frequentemente emprega uma narrativa elíptica, na qual muito é deixado para a inferência do leitor, no reconto em estudo tal procedimento é atualizado e requer do leitor uma interpretação contextual como, por exemplo nos trechos: “Agora era tal a situação: três porcos, porcando-se no interno de uma casa de tijolos; como se cofre.” (Guimarães, 2020). Outra passagem que chama a atenção é o momento em que o lobo não conseguiu pegar o segundo porquinho: “E quando o Tinhoso se apercebeu, o suíno já era fora dali, por distante” (Guimarães, 2020). Nesse trecho, observamos quando os elementos familiares de contos infantis são apresentados de forma inesperada e o autor força o leitor a reconsiderar e reexaminar o significado desses elementos, revitalizando assim a experiência de leitura e a percepção da realidade.

No romance *Grande Sertão: Veredas* (2017), o personagem Riobaldo menciona diversas vezes a figura do diabo, atribuindo-lhe diferentes nomes e epítetos que refletem tanto seu temor quanto sua tentativa de compreender e exorcizar o mal presente no mundo. Riobaldo usa diversos nomes para se referir ao diabo:

... o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... (Rosa, 2017, p. 923)

Esses nomes ilustram a multiplicidade de representações do mal e a riqueza linguística da obra rosiana. Eles também mostram como o diabo, na visão de Riobaldo, não é uma entidade única, mas uma presença multifacetada e onipresente no sertão e na vida humana. A imagem do diabo se atualiza em *Sagatrisuínorana* quando o narrador cita os nomes para o lobo: “Dito”, “Orelhudo”, “Tinhoso”, “Cujo”. Entretanto, uma nova dimensão é dada ao diabo transfigurado em lobo. Ele se transfigura em

Lama — palavra grafada com letra maiúscula, mostrando a sua face terrível e predatória. Materializada nas ilustrações em uma onda gigantesca e avassaladora que destrói tudo: casas, porquinhos e lobo, a “Lama” simboliza o rompimento da barragem que atinge a todos, indistintamente, com sua brutalidade e poder de devastação. A tragédia-crime é encenada não só pelo reconto, mas pelo usufruto da estética rosiana, o que dá ao fato a dimensão justa de seu horror.

A concisão e a densidade das narrativas curtas de *Primeiras Estórias* (2017) também são refletidas na estrutura breve e rica de *Sagatrissuinorana*. O narrador dos contos de fadas tradicionais é geralmente onisciente, conhecendo todos os pensamentos, sentimentos e motivações das personagens, bem como os acontecimentos passados, presentes e futuros. O narrador mantém uma postura imparcial e objetiva, raramente expressando opiniões pessoais ou julgamentos morais. Em *Sagatrissuinorana* esse narrador relata os eventos, permitindo que os leitores tirem suas próprias conclusões. Porém, ao invés do tom impessoal e atemporal, o narrador inicia o reconto duvidando do seu contar: “Nonada. Fatos que ouvi não foram de fato. Ou quase.” (Guimarães, 2020). Além de iniciar com a mesma palavra que abre o *Grande Sertão: Veredas* (2017), o trecho demonstra a incredulidade da voz narrativa com a violência da história e completa: “Foi o que me chegou, se muito.” (Guimarães, 2020). Esse tom ajuda a criar uma sensação de perplexidade e indignação com os fatos descritos.

Assim, ao revisitar o clássico conto *Os três porquinhos* sob a perspectiva literária de Guimarães Rosa, *Sagatrissuinorana* destaca-se por sua (re)imaginação narrativa. Incorporando a complexidade linguística e temática característica do autor mineiro, o reconto propicia novos significados e aprofunda a experiência de leitura. João Luiz Guimarães não apenas homenageia Rosa, evidenciando a duradoura influência do autor mineiro na literatura brasileira do século XXI, mas também os atingidos por barragens em Mariana e Brumadinho. Nas aquarelas de Nelson Cruz, essa homenagem ganha as cores e as formas que caracterizam *Sagatrissuinorana* como um livro-ilustrado, reflexão da parte final desse estudo.

O reconto: aquarelas no livro-ilustrado

Notadamente direcionada a um público infantojuvenil, livros com histórias coloridas e impactantes têm no traço artístico a expressão da criatividade. Esses livros apresentam outros elementos que contribuem para a compreensão literária, tais como: o tipo de letra, o tamanho da fonte, a seleção de cores, a técnica de ilustração e até o tamanho do livro.

Em *Sagatrissuinorana* o reconto é a prática que dá nova vida à obra quando associa a linguagem roseana às ilustrações que caracterizam o formato de livro-ilustrado. Nesse formato, a presença da ilustração é essencial na construção da narrativa pois transforma toda a leitura, estabelecendo uma relação complementar e coesa, característica do livro-ilustrado que “exige um leitor híbrido, capaz de ler palavras e imagens. E não só capaz de ler os dois textos separadamente – o verbal e o visual – mas a sua interação.” (Camargo, 2010). Para o pesquisador, diferente de livros em que as imagens apenas complementam o texto, no livro-ilustrado as ilustrações são parte essencial da narrativa, colaborando na construção do enredo e no desenvolvimento dos personagens.

A interação entre texto e imagem cria um significado que nenhum dos elementos poderia alcançar isoladamente. O livro-ilustrado associa dois sistemas semióticos – o verbal e o visual. Por essa razão, as ilustrações não possuem um caráter apenas decorativo, mas são essenciais para estimular a imaginação do leitor. Ao visualizá-las, ele realiza uma leitura antecipada do texto, na qual as imagens mobilizam os conhecimentos prévios do repertório do leitor.

Essas características fazem de *Sagatrissuinorana* um livro-ilustrado, no qual a leitura realiza-se pelo entrelaçamento das aquarelas e texto escrito, simultaneamente, constituindo a polissemia narrativa. A interdependência entre o texto e a imagem dialogam de maneira complementar e essencial para contar a história. A ausência de um desses elementos comprometeria a compreensão do enredo. As ilustrações frequentemente exigem uma leitura ativa do leitor, que deve interpretar os elementos visuais em conjunto com o texto.

Peter Hunt (2010) esclarece a especificidade do livro-ilustrado, já que “a ilustração altera o texto verbal” (Hunt, 2010, p.165). A narrativa é

(re) contada do ponto de vista visual e, por isso, as imagens não apenas ilustram o texto, mas também adicionam camadas de significado, sugerem ações, emoções e ambientes que enriquecem a narrativa. Ele vê o livro-ilustrado como um meio de comunicação visual e textual que oferece uma experiência de leitura única, na qual a interação entre texto e imagem é essencial para a compreensão completa da história.

Dessa forma, ele enfatiza a interdependência entre texto e imagem nos livros-ilustrados argumentando que a narrativa completa só pode ser compreendida ao considerar ambos os elementos em conjunto, ou seja, as informações são transmitidas simultaneamente através de texto e imagem, cada um contribuindo de maneira única para a narrativa. Nessa perspectiva, a não-linearidade e a deformação do tempo são características que impactam diretamente a maneira de ler um livro-ilustrado, mobilizando habilidades diferentes das requeridas para interagir com outras artes visuais, como o cinema e os quadrinhos, por exemplo. Nesse sentido, Hunt (2010) enfatiza que:

os livros-ilustrados podem explorar essa relação complexa; as palavras podem aumentar, contradizer, expandir, ecoar ou interpretar as imagens e vice-versa. Os livros-ilustrados podem cruzar o limite entre os mundos verbal e pré-verbal. (Hunt, 2010, p. 165)

Sagatrisuinorana utiliza a fonte Courier, que relembra a escrita das antigas máquinas de escrever revelando um aspecto metalinguístico, pois apresenta uma estética que evoca de forma nostálgica o próprio autor que o inspira e a quem presta homenagem em seu relato: João Guimarães Rosa. Além disso, a escolha dessa fonte, amplamente observada em escritos datilografados de escritores e jornalistas no passado, explicita que o autor está fazendo uma escolha consciente, dialogando com a tradição literária

O livro-ilustrado explora uma ampla gama de técnicas artísticas, como aquarela, colagem, desenho digital, entre outras. As ilustrações de Nelson Cruz frequentemente combinam narrativas complexas com técnicas artísticas inovadoras. Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, Cruz é um premiado ilustrador que tem se destacado no cenário literário nacional e internacional, sendo conhecido por suas ilustrações que frequentemente utilizam a técnica de aquarela, caracterizadas por sua delicadeza, transparência e capacidade de criar atmosferas etéreas. As ilustrações são

ricas em detalhes e frequentemente carregadas de simbolismo, adicionando profundidade às narrativas que ilustram.

Na obra, a técnica utilizada é a aquarela, que transmite ao mesmo tempo leveza — pelo uso das cores — e angústia, com o traço dos animais, as situações e emoções do enredo. A técnica permite uma exploração rica de atmosferas, conferindo profundidade à narrativa visual, que ressoa com os temas tratados. Ainda que a linguagem não-verbal priorize a cor verde, representado o viço e exuberância da natureza, a mancha marrom entre as montanhas e a sombra negra do lobo em primeiro plano chamam a atenção, pois são colocadas em contraste com a aparente tranquilidade do porquinho cuidando do quintal da casa. Para ilustrar o reconto, a expressão dos porquinhos e do aterrorizante lobo conferem dramaticidade às imagens, revelando detalhes a cada leitura. Nas páginas não numeradas, cada uma das 12 aquarelas se assemelha a várias telas que se sucedem e ilustram a transformação das máquinas de mineração, gradativamente tomando o aspecto do lobo.

À medida que a história vai sendo contada, a lama avança e mostra que o lobo tenta destruir as casas até ser arrastado junto com tudo e todos pela inundação. As imagens mostram que o vilão aqui também é devastado pela força dos destroços que sobrevêm com a destruição da barragem, resultado de atividade capitalista predatória, que destrói o seu entorno. Nas duas páginas finais, aquarelas agora em tons de marrom e vermelho expressam a comoção geral pela tragédia, quando a gigante onda de lama inunda toda a área, levando o vilarejo, os porquinhos e o lobo. O impacto das aquarelas estimula uma reflexão crítica sobre a temática ambiental e, dessa forma, estimula o diálogo que caracteriza o livro-ilustrado. A interdependência entre a narrativa e as ilustrações revelam a vulnerabilidade de todos os seres direta e indiretamente atingidos pela onda de lama.

Considerações finais

Nesse estudo procuramos contribuir com uma leitura da obra *Sagatrisuinatorana*, que encanta leitores de todas as idades. As ilustrações impactantes combinadas com a narrativa ao estilo da obra de João

Guimarães Rosa , conferem nova roupagem ao conto de fadas clássico da literatura infantil, *Os três porquinhos*. O reconto foi estudado a partir do Letramento Literário, abordagem que convida os alunos a compreender os aspectos textuais, elementos visuais e simbólicos que a atividade do registro suscita.

A confluência entre as ilustrações marcantes e a narrativa ao estilo rosiano proporciona uma rica experiência estética. As ilustrações não apenas complementam o texto, mas ampliam sua interpretação, permitindo que leitores de diferentes faixas etárias e níveis de letramento literário possam interagir com a obra de maneiras diversas. O formato de livro-ilustrado e a dedicatória às vítimas das tragédias ambientais em Mariana e Brumadinho (MG) acrescentam uma dimensão ética e política à obra. Ao fazer referência a eventos reais e dolorosos, *Sagatrisuinorana* não só enriquece a narrativa ficcional, mas também provoca o leitor a refletir sobre questões de responsabilidade social e ambiental. A riqueza da obra revela potencial para leituras e pesquisas que possam ampliar e aprofundar os temas abordados nesse estudo.

Referências

BIOGRAFIA NELSON CRUZ. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/>. Data de acesso: 15 jun. 2024

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* Tradução de Nilson Moulin. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1998.

CAMARGO, Luis. Verbetes: Ilustração em Livros de Literatura Infantil. *Glossário Ceale*. Belo Horizonte: FAE/UFMG. 2022. Disponível: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil>. Acesso em 15 jul. 2024

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura literário*. São Paulo: Contexto, 2021.

COUTINHO, E. F. O idioma rosiano e o desafio de traduzi-lo. *Scripta*, v. 2, n. 3, p. 80-88, 14 out. 1998.

DA OFICINA PARA O LIVRO DO ANO: a escrita de *Sagatrissuinorana*. Instituto Vera Cruz. Disponível em: https://youtu.be/piiq8rEuapg_. Acesso em 17 jul 2024.

GUIMARÃES, João Luiz. *Sagatrissuinorana*. Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: Ozê Editora, 2020.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naiff, 2010.

INSTITUTO VERA CRUZ. Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto-vera-cruz/formacao-de-escretores/>. Acesso em 15 jun. 2024.

JACOBS, Joseph. *Os Três Porquinhos*. Adaptação de Maria Luísa de Abreu Lima Paz. São Paulo: Girassol, 2004.

MORAIS, M.M. de. A história dentro da estória: a linguagem rosiana como mediação entre fato e ficto. *Scripta*, v. 7, n. 13, p. 87-98, 15 out. 2003.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ROMPIMENTO DA BARRAGEM DA VALE EM BRUMADINHO. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Rompimento-da-barragem-da-Vale-em-Brumadinho-completa-quatro-anos>. Acesso em 10 abril 24.

ROMPIMENTO DE BARRAGENS EM MARIANA. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/11/rompimento-de-barragens-em-mariana-perguntas-e-respostas.html>. Acesso em: 10 abril 24

ROSA, J.G. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SCIESZKA, Jon. *A verdadeira história dos três porquinhos*. Ilustrado por Lane Smith. Traduzido por Pedro Maia. Companhia das Letrinhas, 1991.